

O OBSERVADOR E A OBSERVAÇÃO



Augusto Malta - Vista do Corcovado

Nesta panorâmica vista do mirante do Corcovado, uma paisagem tão conhecida mundialmente, vista no início do século XX, é possível distinguir vários pontos, como o Morro da Viúva e a enseada de Botafogo praticamente sem ocupação urbana, o Pão de Açúcar ainda sem acesso aos turistas. Cada um poderá deleitar-se com diversas informações sobre esta parte da Cidade Maravilhosa contida na imagem capturada e “eternizada” em 1906 por Augusto Malta (1864-1957). Uma análise interessante da imagem encontra-se no texto “Paisagem urbana e imagem fotográfica: o legado visual de Augusto Malta” de Antônio R. de Oliveira Jr. publicada em [Usos do passado](#).

Para os fins desta nota metodológica, importa analisar a figura do homem sentado no mirante do Corcovado. De costas para o fotógrafo, o homem deleita-se, como nós, na observação da paisagem. É quase um duplo de Augusto Malta contido na imagem, um observador na atitude de observar. Independentemente da casualidade ou não do registro, a paisagem é sensivelmente apreendida a partir da figura humana no mirante. A reflexão sobre a fotografia nos põe diante de uma questão filosófica, referente ao processo de conhecimento: se estamos implicados na observação, o que conhecemos é objetivo ou subjetivo? É possível conhecer a realidade “objetivamente”? Outra forma de situar a questão é: a realidade existe independentemente do observador?

Para a maioria das pessoas esta questão jamais se coloca ou é um absurdo na medida em que a realidade existe porque foi criada por Deus, independentemente e antes do homem existir. Para os cientistas que se defrontam cotidianamente com o caráter provisório da verdade trata-se, porém, de uma interrogação sempre presente no seu campo de conhecimento. Contrariamente ao senso comum, a ciência considera um paradoxo a idéia da realidade fora da intervenção humana.

Antonio Gramsci (1891-1937) [Biografia](#) tratou do assunto em seus Cadernos do Cárcere. Solicito a paciência do leitor para uma citação longa devido a importância do parágrafo:

“...o que interessa á ciência não é tanto a objetividade do real quanto o homem que elabora os seus métodos de pesquisa, que retifica continuamente seus instrumentos materiais que reforçam os órgãos sensoriais e os instrumentos lógicos (inclusive os matemáticos) de discriminação e de verificação, isto é, a cultura, a concepção do mundo, a realidade entre o homem e a realidade com a mediação da tecnologia. Também na ciência, buscar a realidade fora dos homens, entendido isto num sentido religioso ou metafísico, nada mais é do que um paradoxo. Sem o homem, que significaria a realidade do universo? Toda a ciência é ligada às necessidades, à vida, á atividade do homem. Sem a atividade do homem, criadora de todos os valores, inclusive os científicos, que seria a ‘objetividade’? Um caos, isto é, nada, o vazio, se é que é possível dizer assim, já que, realmente, se se imagina que o homem não existe, não se pode imaginar a língua e o pensamento. Para a filosofia da *práxis*, o ser não pode ser separado do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se se faz esta separação, cai-se em uma das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido”. [1]

O princípio metodológico exposto admiravelmente por Gramsci tem uma relevância enorme no momento atual quando nos deparamos cotidianamente com opções políticas ou técnicas sustentadas no conhecimento científico.

Retomemos a análise da paisagem: se a observação depende do observador, quais os “impactos” que ele produz quando abandona a atitude de contemplador para intervir sobre o que observa? Qual é a implicação desta atitude quando se trata de ciência? Ou, em outros termos, quando a ciência fundamenta a política e a técnica?

A resposta envolve o entendimento de que a relação entre ciência e sociedade se estabelece “por múltiplos canais e mutuamente, em mão dupla” [2] e que, em decorrência, o pressuposto da neutralidade da ciência em matéria de valores é impossível [3]. Uma visão retrospectiva deixa claro como Galileo Galilei (1564- 1642) firmou aliança com uma parte da alta hierarquia eclesiástica e, ao mesmo tempo, colocou-se, com seus inventos militares, a serviço da nobreza florentina. Luiz Pinguelli Rosa observa com pertinência que o cientista e filósofo é “um contra-exemplo vivo acerca da ilusão da ciência neutra. Por isso, talvez incomode tanto até hoje” [2].

Mas é preciso dar o passo subsequente: se a revolução científica contribuiu fundamentalmente para a instituição do mundo moderno, quer dizer, da organização da sociedade baseada no sistema capitalista, não poderá estar na origem de uma nova forma de organização social, além do capitalismo? De fato, cada vez mais colocada diante de problemas complexos, a ciência se vê obrigada a abandonar o raciocínio mecanicista e a certeza de suas predições, abrindo-se para o desenvolvimento de uma [Ciência pós-normal](#) e, do ponto de vista de valores, a adotar os princípios da precaução e da justiça social que põem em questão a ordem social vigente e exigem uma nova [educação científica](#).

[1] Gramsci, Antonio, 1978. *Concepção dialética da história*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.71.

[2] Rosa, Luiz Pinguelli, 1989. Comentários sobre a Crítica da Contribuição de Galileu à Física. In: F L Carneiro (coord.) *350 anos dos “Discorsi intorno a due nuove scienze” de Galileu Galilei*. Rio de Janeiro: Coppe, Editora Marco Zero, p. 102.

[3] Lacey, Hugh, 1998. *Valores e atividade científica*. São Paulo: Discurso Editorial.